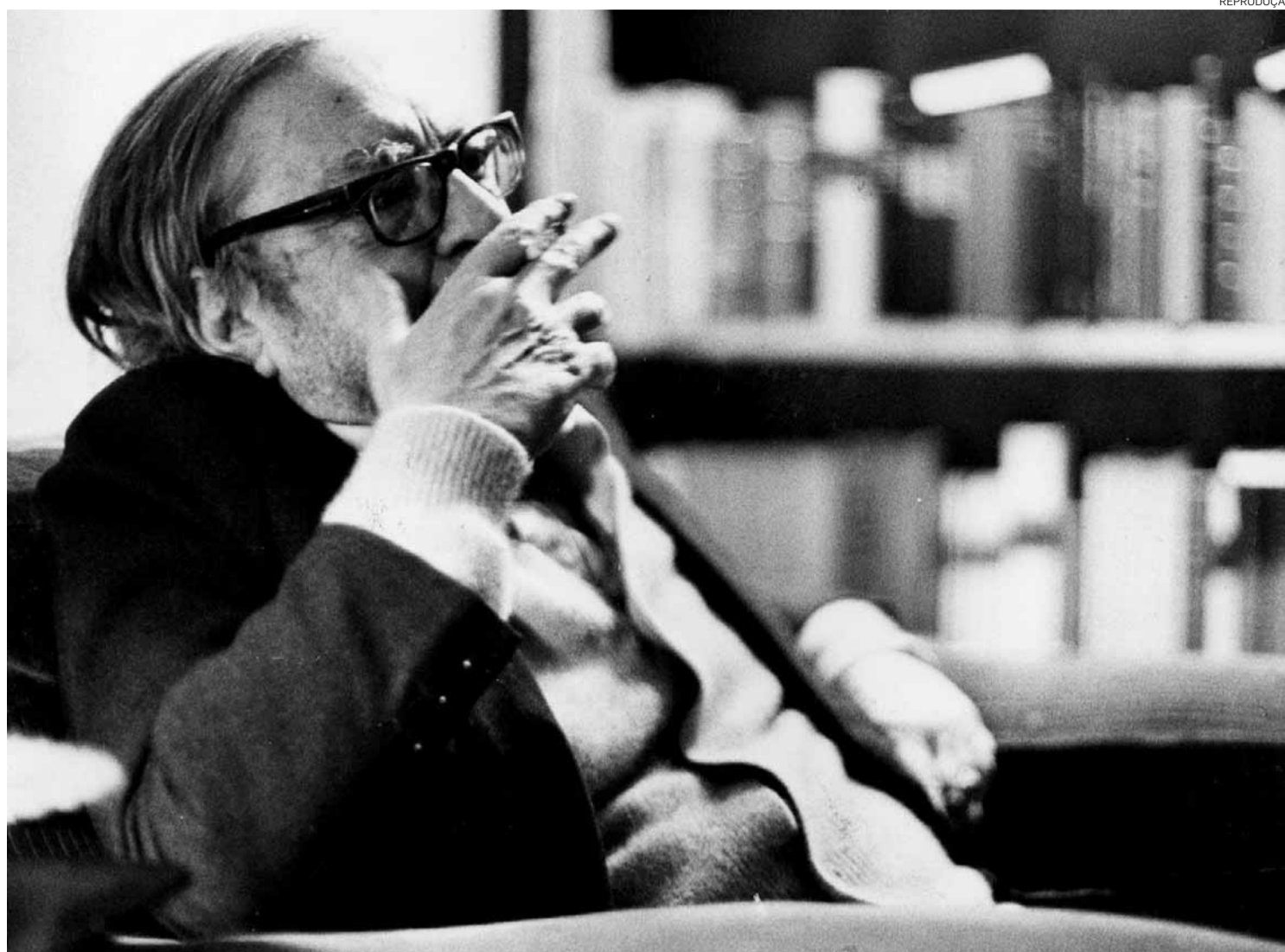


Ensaio

Visão do Paraíso, de Sérgio Buarque de Holanda, que volta às livrarias, contribuiu para acentuar a singularidade do universo cultural português frente às demais vertentes do pensamento europeu



VISÃO DO PARAÍSO
 Autor: Sérgio Buarque de Holanda
 Editora: Companhia das Letras
 (584 págs., R\$ 49)



INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS IMPOSSÍVEIS

ANTONIO ARNONI PRADO

Esta nova edição de *Visão do Paraíso* (1959), ao nos levar de volta a um dos temas mais fascinantes da colonização do Novo Mundo, tem a vantagem de trazer ao leitor um apêndice crítico inestimável para sua orientação frente à opulência que faz do livro de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) um dos mais eruditos jamais escritos no âmbito da cultura brasileira.

Não que o imaginário dos colonizadores espanhóis e portugueses, iluminado por Sérgio com o mais puro encantamento literário, reapareça agora destituído da complexidade com que o recortou para que coubesse inteiro na “biografia de uma idéia”. Nem tampouco que esse vertiginoso mergulho no passado mítico deixe de nos ser mostrado como a ressurreição de “um momento mágico” na imaginação exacerbada dos que acreditavam que o paraíso terrestre permanecia engastado no misterioso cenário do Novo Mundo.

Diante dele, quanto mais vamos sendo tragados pelos sinais dispersos da epifania do

Éden, tanto mais parece adensar-se aos nossos olhos a impressão de que as verdades do mito vão interrogando a linearidade da história, vertiginosamente engolfada pelas refrações da sociologia, da antropologia, da literatura, da filosofia. E se importa reconhecer que ele foi decisivo à empresa da conquista, não importa menos assinalar que acabou incorporando às incertezas do Novo Mundo a obsessão escatológica de um imaginário que circula no tempo, contaminando as almas e enxertando certezas ao acervo de tradições divergentes.

Ao leitor não basta apenas saber que, mais eloquente no imaginário do colonizador espanhol, a trasladação dos mitos edênicos flutua dos tempos bíblicos para a cultura moderna, do humanismo para o renascimento, do passado clássico para o *Siglo de Oro*, juntando à simbologia das viagens a obstinação maravilhada pelo Jardim do Éden. Mais importante do que isso – e é este um dos veios mais férteis do livro de Sérgio – será discernir as razões pelas quais o exagero das “idealizações inflamadas” dos castelhanos, ao construir uma imagem positiva daquele mundo ignorado “onde parecia ganhar atualidade histórica a

própria possibilidade de remissão”, jamais despertou na gente lusitana sentimentos que a levassem a identificar-se com o substrato natural e humano das terras que encontrava.

Dentre as muitas as passagens que nos surpreendem em meio ao cotejo dessas circunstâncias, há uma em que Sérgio nos lembra o “senso da maravilha e do mistério” com que os marinheiros de Colombo se valiam da sugestão metafórica para com ela estimularem a grandeza da conquista, diferentemente do que ocorreu, por exemplo, com os homens de Vasco da Gama, que, ao dobrarem o Cabo da Boa Esperança, não hesitaram em converter aquela imagem da Índia fabulosa “num imenso mercado que o grande navegador ensinará a desfrutar em nome de seu soberano”.

Publicada originalmente em 1959, a obra logo se posicionou entre as de maior erudição já escritas no País

Não estariam aí os primeiros indícios da nossa dispersão desordenada de povo pouco afeito à planificação metódica e ao esforço coletivo do futuro, invariavelmente sacrificados ao oportunismo dos resultados?

Laura de Mello e Souza, em posfácio certo que amplia os modos de compreender o livro, nos lembra que *Visão do Paraíso* não se liga a nenhuma tradição local, fora das obras do próprio Sérgio, com ênfase para *Raízes do Brasil* e *Capítulos de Literatura Colonial*, que Antonio Candido organizou, em 1991, a pedido de Maria Amélia Buarque de Holanda, a partir de textos inéditos encontrados por ela.

Da angulação com Raízes, o que ressoa na *Visão do Paraíso*, nos termos de Laura, além da singularidade do enfoque, é a intenção de

elucidar as relações entre trabalho e aventura, sonho e realidade, com vistas a compreender por que sempre nos deixamos perder no rastro de sonhos impossíveis, “obcecados por quimeras e fantasias”. A diferença, agora, segundo ela, é que Sérgio inverte o pressuposto de que a economia e a sociedade bastavam como explicação da existência, para nos mostrar que os portugueses fizeram uma leitura pedestre das raízes paradisíacas das nossas riquezas naturais, desfigurando assim “as frondosidades” da mítica edênica.

Mas é ao ressaltar o diálogo entre a *Visão do Paraíso* e os *Capítulos de Literatura Colonial* que a autora do posfácio recompõe a lucidez hermenêutica com que a crítica de Sérgio soube nos mostrar que “por baixo do aparentemente moderno ou novo, irrompia o antigo”, como o atestam, por exemplo, os modelos quinhentistas da lírica de Cláudio Manuel da Costa e a dicção camoniana da épica de Santa Rita Durão.

Mais ou menos na linha definida por Antonio Candido, quando tratou da contribuição decisiva dos arcades para a formação da vida intelectual e artística no Brasil, o que marca a atitude crítica de Sérgio Buarque de Holanda é a incorporação por si mesma da nossa realidade intelectual e artística – vista por ele como a expressão conjunta das “disciplinas mentais” que nos elevassem a um plano compatível com a vida civilizada.

Alegorias. Daí não podermos desvincular aquela visão conservadora da forma mentis portuguesa, que Sérgio definiu na *Visão do Paraíso* como parcialmente avessa à modernização renascentista, da necessidade de compreendê-la na continuidade vertical dos estilos no tempo, longe da visão linear que a amarrava à divisão estanque dos períodos, como bem viu Antonio Candido na *Introdução aos Capítulos de Literatura Colonial*. É assim que, no *Boosco Delitioso*, por exemplo, o verde da paisagem dos trópicos – que inundava a imaginação europeia com os motivos paradisíacos da eterna primavera – converte-se em fonte inesgotável de alegorias sagradas indispensáveis ao bom sucesso da conquista, provendo-a de uma “direção espiritual superior e redentora”, em tudo oposta ao caráter destruidor e desumano que a movia. Até as aves – nos diz Sérgio – desvestiram-se dos indumentos simbólicos de sublimidade para figurar no orbe religioso do sagrado, encarnando os santos doutores tão decisivos naquela saga assombrosa pelas terras ignotas do Novo Mundo.

Tais aspectos nos mostram não apenas o quanto a crítica de Sérgio contribuiu para marcar a singularidade do universo cultural português frente às demais vertentes do pensamento europeu. Se, de um lado, isso nos permite atenuar em muito a índole integradora da velha crítica, que tendia sempre a fechar num único paradigma o bloco da cultura e do pensamento ocidental como um todo; de outro, nos mostra o quanto as particularidades da mentalidade portuguesa se desviavam dos padrões da época, abrindo uma série de dissonâncias valiosas para uma apreciação crítica das nossas próprias singularidades.

* ANTONIO ARNONI PRADO, ENSAÍSTA E PROFESSOR DE LITERATURA NA UNICAMP, É AUTOR, ENTRE OUTROS, DE *TRINCHEIRA, PALCO E LETRAS* (COSAC NAIFY) E *ITINERÁRIO DE UMA FALSA VANGUARDA* (EDITORA 34)

RETRATO MINUCIOSO DE UM CERTO BRASIL

Capítulos de História do Império, até agora inédito, explicita busca pela empatia com o ambiente e os seus personagens

FERNANDO AMED

No limitado circuito que compõe a corporação dos historiadores brasileiros, é um tanto conhecida a insatisfação de Capistrano de Abreu (1853-1927) quando da publicação de seus escritos. Aqueles que se debruçaram sobre sua correspondência bem sabem que o historiador cearense pretendia estabelecer uma nova edição de *Capítulos de História Colonial* (1907), seu trabalho mais conhecido, o que nunca veio a realizar. Uma pena para os leitores que se viram privados de poder contar com a lucidez de Capistrano em mais um de seus exercícios de domínio acerca do passado colonial brasileiro. Este, felizmente, não foi o caso de Sérgio

Buarque de Holanda (1902-1982). Testemunhos daqueles que privaram de sua sociabilidade sinalizam que o historiador também manifestava certo desgosto para com um dos títulos que compunha a *História Geral da Civilização Brasileira*, o volume *Do Império à República*, publicado na década de 70. *Capítulos de História do Império*, que ora vem ao público, foi sendo escrita ao longo dos últimos anos de vida de Sérgio Buarque e pode ser vista como uma tentativa de revisão por parte do historiador quanto ao que lhe desagradava na publicação anterior.

As semelhanças para com Capistrano de Abreu, no entanto, ainda podem ser exploradas sob outros matizes. *Capítulos de História do Império* apresenta o mesmo empenho em relação ao tratamento heurístico, a busca pelo conhecimento das minúcias, além do traço historicista, que dava guarida para ambos os historiadores.

Em *Capítulos*, o leitor pode se sentir muito próximo dos acontecimentos que enfeixaram especialmente o Segundo Império brasileiro. Sobretudo, somos estimulados pelas imagens utilizadas pelo historiador na direção da recuperação do clima que abrigava o

império. Já a incomum qualidade literária é uma das características mais marcantes do livro de Sérgio Buarque de Holanda.

O uso de fontes diferenciadas permite que se perceba a busca pela empatia com o ambiente encetado pelo historiador. Nesse aspecto, sobressai o capítulo 4, em que nos aproximamos de Pedro II. Por meio da pesquisa nos diários ou nas anotações de punho feitas pelo imperador nos livros de sua biblioteca particular, além do exame dos testemunhos daqueles que o conheceram pessoalmente, o perfil de Pedro II se delinea com acuidade. É assim que passamos a agregar a informação de que ele possuía “voz aflautada, como de fasete, pernas finas demais para um corpo avantajado” e, nas ocasiões solenes, “calças bem justas, sapatos de seda branca, manto de papos de tucano, alta e pesada coroa que lhe circundava toda a cabeça, a indefectível cabeça de caju a encobrir uma pronunciada saliência na testa”.

Observações como essas, aliadas às outras remetidas ao cotidiano político, ou às alcunhas e expressões de época – por que os brasileiros eram designados pelos portugueses como cabras? O que vem a ser a

expressão pé-rapado? – nos permitem adentrar o passado mais remoto. Dada a ausência de preocupação com uma visão de síntese sociológica, o que percebemos é a busca pela compreensão da história passada que se segue amparada pela erudição, mais próxima daquela esposada pelos intelectuais do século 19.

Para o presente, em que os trabalhos de história costumam guardar ligações mais pragmáticas, em que os artigos se mostram mais viáveis que trabalhos de fôlego, a obra inédita de Sérgio Buarque de Holanda tem muito a oferecer. Resta saudar que não tenha tido a mesma sorte de Capistrano de Abreu e esperar que venha a encontrar um universo maior de leitores que serão gratificados pela experiência de proximidade para com as situações e alusões remetidas ao nosso passado.

* FERNANDO AMED, PROFESSOR DA FACOM/FAAP E DO CURSO DE ARTES VISUAIS DA BELAS ARTES DE SÃO PAULO, É AUTOR DE *AS CARTAS DE CAPISTRANO DE ABREU: SOCABILIDADE E VIDA LITERÁRIA NA BELLE ÉPOQUE CARIOCA* (ALAMEDA)

Reflexão. Para o historiador, os descobridores fizeram uma leitura superficial das riquezas que encontraram em terras brasileiras



CAPÍTULOS DE HISTÓRIA DO IMPÉRIO
 Autor: Sérgio Buarque de Holanda
 Editora: Companhia das Letras
 (248 págs., R\$ 42)